

A QUESTÃO DA TÉCNICA SEGUNDO MARTIN HEIDEGGER: UMA LEITURA

¹Ms. Cezar Sturba

RESUMO: Discutindo conceitos de causalidade, instrumentalidade, essência e propondo um relacionamento livre com a técnica, Heidegger impõe uma forma vigorosa e decisiva de pensá-la. Revela a técnica muito além de um simples meio da atividade humana, mas como uma forma de *des-velamento*. Por isso sobre essa questão, desde o princípio, a filosofia de Heidegger rompe com boa parte da tradição filosófica. O filósofo mostra que sem tal rompimento não seria possível um pensamento mais radical, a saber, a essência da técnica moderna e a ambiguidade fundamental que ela apresenta, revelando um extremo perigo para o homem e, concomitantemente, aquilo que o salva.

PALAVRAS-CHAVES: essência, técnica, *des-velamento*, *dis-ponibilidade*.

ABSTRACT: Discussing concepts of causality, instrumentality, essence and proposing a free relationship with technique, Heidegger imposes a forceful and decisive way of thinking it. It reveals technique far beyond a mere means of human activity, but as a form of *en-framing*. So on this question, from the beginning, Heidegger's philosophy breaks with much of the philosophical tradition. The philosopher shows that without such a more radical breakup thought would not be possible, namely, the essence of modern technique and the fundamental ambiguity it presents, revealing an extreme danger to man and, at the same time, that which saves him.

KEYWORDS: essence, technique, *en-framing*, *standing-reserve*.

“...só que nós,
mais ainda que a planta ou o animal,
vamos *com* o risco.”

¹ Possui graduação e mestrado em Filosofia ambos pela Universidade Federal da Paraíba.

Rainer Maria Rilke *apud* Heidegger

Para uma clara compreensão da proposta de Heidegger de questionar a essência da técnica é necessário que se tenha em conta que *das Fragen*, o questionar, não é um simples perguntar pela técnica, mas um método de investigação (*Forschung*), ou melhor, a abertura de um caminho, norteado pelo que há de mais próprio ao pensamento filosófico, isto é, tornar possível uma relação livre do *Dasein* com a essência da técnica. Isto implica que um tal questionar não nos conduz pelo modo tipicamente científico ou daqueles provenientes do senso comum. Assim, de saída, o questionamento de Heidegger sobre a essência da técnica não cai nem se aproxima da falácia sob a qual tais modos de lidar com o problema da técnica sucumbiram, a saber, ora demonizando a técnica, ora exaltando-a, reduzindo, tanto uma quanto outra, em última instância, a meras ideologias apaixonadas. Questionar sobre a essência da técnica é, sobretudo, um perguntar radical, sem pressupostos, isto é, que enfrenta o desafio de mover-se e circunscrever-se livremente nos limites da coisa mesma de maneira a abrir a essência ou o ser daquilo sobre o que se interroga.

Podemos talvez chamar esse modo de acesso às coisas de aporético, querendo com isso apontar para a indigência do pensamento questionador que, ao mesmo tempo em que vive e se desdobra a partir de impasses, de problemas, visa tão somente a trazer à luz o que, encoberto, se dissimula nos modos mais usuais ou hodiernos de tratamento dos problemas fundamentais.

Heidegger começa seu questionamento afirmando ser a essência da técnica ela mesma nada de técnico: "A técnica não é igual à essência da técnica"². Pertence à compreensão do que Heidegger entende por caminho de pensamento esta distinção e é ela que vai se mostrar decisiva face às alternativas de discussão sobre o tema. O próprio estatuto filosófico de seu modo de aproximação está aqui, nesta curta afirmação, inteiramente em jogo, pois atravessa todo questionamento essencial, a diferença entre o ser das coisas que são e as coisas mesmas em seus vários modos de se dar, de viger.

"A essência da técnica não é, de forma alguma, nada de técnico"³: pensar o ser das coisas que são não dissolve nem o ser nem o pensar numa unidade indiferente, mas, ao invés, como modo de acesso e relacionamento livres com as coisas do mundo, o questionamento essencial marca precisamente a diferença entre a essência do que é e o ente, a essência da técnica e a técnica. A essência da técnica não é nada técnico apesar dessa concepção não ser a mesma da cultura. Como

² HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e conferências - A questão da técnica*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Ed. Vozes, Petrópolis: 2001. p. 11.

³ Idem p. 11.

no pensamento de Karl Marx em sua obra *O Capital*⁴ onde o filósofo discorre sobre a técnica enquanto os artefatos técnicos que o homem sempre fez uso desde sua vivência pré-civilizatória⁵. De fato, desde o mecanicismo de Descartes, e, como forma mais acabada na contemporaneidade, a discussão sobre a técnica parte daquilo que é técnico, de tal modo que seu pensamento apoia-se no terreno reducionista e vacilante da análise social⁶.

Heidegger enfoca não o imediatismo da questão da técnica, mas "sua sombra". A análise marxista está fadada à fome das ideologias e, por conseguinte, impossibilitada de pensar a técnica em sua essência sem se contaminar com a crítica social e a cultura, ou as relações de dominação e dos ideais emancipatórios. Em última instância, eles reafirmam uma pretensa soberania da subjetividade no destino histórico do homem.

A tradição filosófica nos diz que a técnica é meio para um fim. Diz também: a técnica é uma atividade do homem. Não há nenhuma dificuldade em reconhecer a relação entre estas duas definições posto que "(...) estabelecer fins, procurar e utilizar meios para alcançá-los é uma atividade humana"⁷. Parece-nos, então, irrefutável que a técnica, sendo um meio para fins, seja também um instrumento humano. É fato que em todos os tempos o homem se apresenta como agente de transformação de entes da *physis* em artefatos e isso corrobora com a chamada concepção instrumental e antropológica da técnica. Heidegger começa a traçar seu caminho para responder a questão da técnica porque em seu pensamento a análise filosófica não deve partir da esfera transcendente das coisas, mas daquilo que está encoberto no mundo fenomênico. Porém, este algo encoberto deve ser aceito como certo, correto. "O correto constata sempre algo exato e acertado

⁴ Cf. MARX, K. *O capital*. Trad. Regis Barbosa. Ed. Nova Cultural, 1996. p. 284.

⁵ Marx se apoia no pensamento de Benjamin Franklin que define o homem como um "*toolmaking animal*", ou seja, um ser engenhoso que produz ferramentas. Logo, tais utensílios estão separados dele e traz à luz uma mentalidade sobre uma técnica a ser conquistada. Ainda, o próprio meio circundante deve se dispor como algo a ser dominado e transformado em objeto pelo *toolmaking animal*.

⁶ "Aldous Huxley evoca, de forma literária, um futuro dominado pela técnica, onde o homem é algo completamente, também emocionalmente, manipulado (HUXLEY, 1932). O irmão de Ernst Jünger, Georg Friedrich Jünger, mostra, em *A Perfeição da Técnica* (G.JÜNGER, 1953), que a técnica deixou de ser um instrumento na mão do homem e molda, hoje, a sua percepção, sua fala, sua audição. Ela volta-se contra a natureza e acelera no processo da apropriação dos recursos energéticos a execução da lei da entropia. Também Günter Anders expressa o ceticismo da época, referente às consequências do desenvolvimento técnico, na sua publicação, em 1956, *O Homem Ultrapassado* (ANDERS, 1956). Horkheimer e Adorno já tinham publicado em 1947, em Amsterdam, *A Dialética do Esclarecimento*, uma obra que representa a vertente neo-marxista da crítica à razão instrumental e à técnica. (HORKHEIMER & ADORNO, 1947/1973)" BRÜSEKE, F. J. artigo - *Ética e técnica? Dialogando com Marx, Spengler, Jünger, Heidegger e Jonas* para a edição da revista *Ambiente & Sociedade* – Vol. VIII nº. 2 jul./dez. 2005 p. 10.

⁷ HEIDEGGER, 2001. p. 11.

naquilo que se dá e está em frente (dele)."⁸ Então o que temos aqui é uma primeira definição de técnica que, apesar de não se perguntar sobre sua essência, está correta e satisfaz algumas questões dentro de seus limites, de modo que se não estivéssemos numa investigação de caráter filosófico em busca da essência de algo nosso trabalho acabaria aqui. Somente através desta atitude livre, num ambiente de pensamento desinteressado, é que poderemos chegar à essência de nosso objeto de meditação.

Devemos então inquirir sobre a afirmação de que essa primeira definição acerca da técnica está correta. A próxima pergunta decisiva, para bem conduzirmos nossa investigação, é: o que é instrumental em si mesmo? A que pertence meio e fim? Disse Heidegger:

Um meio é aquilo pelo que se faz e obtém alguma coisa. Chama-se causa o que tem como consequência um efeito. Todavia, causa não é apenas o que provoca um outro. Vale também como causa o fim com que se determina o tipo do meio utilizado. Onde se perseguem fins, aplicam-se meios, onde reina a instrumentalidade, aí também impera a causalidade. (HEIDEGGER, 2001. P. 13)

A pergunta sobre instrumentalidade nos leva, inequivocamente, à ideia de causa e à necessidade de uma resposta para esta pergunta; a tradição sobre o conceito de causa nos leva à definição aristotélica em sua explanação das quatro causas: *causa materialis* é a matéria-prima bruta necessária para compor determinado artefato, *causa formalis*, a forma que esta matéria deverá ter para ser o objeto pretendido, *causa finalis*, a finalidade que, depois da escolha da matéria adequada e a forma desta matéria, tal objeto terá e a *causa efficiens*, o homem que operou toda a mudança daquela matéria bruta em outra coisa.

Esta explicação parece ainda satisfazer a tradição já que muitos pensadores se apoiaram e ainda se apoiam nelas quando o assunto é causalidade. Heidegger, todavia, afirma ainda não existir um pensamento suficiente que explique o que interliga estas quatro causas e, mais do que isso, se pergunta por que existem exatas quatro causas. Para falar disso que é a origem de algo, isto é, sua causa, o próprio Aristóteles usou a palavra αἴτιον (*aition*)⁹, que remete a ideia de responsabilidade, de modo que o próprio pensador emprega o uso hodierno de causa. Destarte, o que nos resta é a urgência de outras perguntas: O que significa causa? Qual o elemento de ligação das quatro causas aristotélicas?

⁸ HEIDEGGER, 2001. p.12.

⁹ Cf. ARISTÓTELES. *Metafísica*. Col. Os Pensadores, trad. V. Cocco. Ed. Abril Cultural, São Paulo: 1973. P. 216.

Segundo o Houaiss¹⁰, a palavra latina '*causa*' diz razão, motivo, origem; juridicamente, por outro lado, é o caso; o pretexto; a questão, assunto, matéria. Para os gregos, diferentemente de nós, "causalidade" nada tinha a ver com a eficácia de um fazer. Podemos ler no *Fedro* de Platão o quanto as palavras podem corromper o discurso não só pela intencionalidade do orador em desvirtuar o enunciado como pelo próprio equívoco do esvaziamento do significado que o cotidiano promove as palavras (como é o caso aqui).

Correspondendo ao rigor do pensamento, Heidegger preocupa-se com o sentido mais primordial e silenciado das palavras. A palavra latina '*causa*' remete para o grego *aition*, originariamente formado na experiência jurídica, que significa 'exigência', 'reclamação', 'reivindicação', 'razão', 'dívida', 'culpa', acusação, 'incriminação', donde a ideia de responsabilidade na tradução de Heidegger por "aquilo pelo que um outro responde e deve".

Basicamente, *causa* remete a 'responder' e a 'dever'; conseqüentemente, os quatro modos de *causa* aristotélicos são ligados por esta definição. Quando se diz que de prata é feito um cálice de prata, aquela matéria responderá pelo cálice, ou seja, para pensarmos o artefato "cálice de prata", a prata deve existir nele e de modo inseparável dele. Já o cálice deve à prata todo o material de que é feito e reconhecido como este artefato em especial. Uma terceira ligação de "responder e dever" (*causa*) é a finalidade, pois este cálice foi feito especificamente de prata para atender a uma utilidade específica de ser um artefato usado em determinada cerimônia religiosa; ele precisou reunir certas características para se adequar a esta finalidade. Este fim (*τέλος*) responde pelo que, na matéria e no perfil, também responde pelo utensílio da cerimônia. Diferente dos entes da *physis*, este artefato é um ente efetivado "artefactualmente" e, para isso, é necessário a atividade de um artesão que se integra a esses três estágios e "reúne" um cálice de prata para ser usado numa determinada cerimônia religiosa. Assim, a matéria, a forma e a finalidade correspondem à atividade do artesão e se efetua na produção do objeto.

Os quatro modos de "responder e dever" permitem que determinado ente possa viger. Em síntese, podemos dizer que a essência da causalidade grega trata do deixar-*viger*, do deixar aparecer algo que ainda não *vige* e trazê-lo à *vigência*. Ora, isso é exatamente a *pro-dução* (*ποίησις*), o deixar-*viger* que passa e procede do não-*vigente* para a *vigência*.

Então, entendemos pelo processo de *poiesis* o trânsito que deixa tudo aquilo que, enquanto não *vigente*, *viger*. Temos, porém, que aprofundar o termo para que ele alcance toda

¹⁰ Disponível em: < <http://houaiss.uol.com.br/>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

forma de produção. Todos os artefatos e toda arte são entes produzidos, mas aquilo que os produz eventualmente não está contido neles, pois se houvesse somente as três primeiras causas o objeto não vigeria. É necessário haver as três primeiras mais a atividade humana para deixar-viger os artefatos. A *physis*, no entanto, é a máxima *poiesis* porque seus entes possuem em si aquilo que possibilita a eclosão de sua própria produção.

A essência do processo de produção é um trânsito que leva aquilo que era encoberto a desencobrir-se, passando da não vigência para a vigência acontecendo assim todo o desencobrimento do mundo. Desencobrimento vem do grego ἀλήθεια (*aletheia*) (do correspondente *veritas* do latim) e nós entendemos como 'verdade', ou seja, o correto de uma representação. Desse modo, partindo de uma noção acertada sobre técnica em uma definição instrumental e antropológica e passando pela essência de instrumentalidade, causa e produção, chegamos a um porto seguro na definição da essência da técnica, a saber, que ela *não é, portanto, um simples meio, mas uma forma de desencobrimento*. Descobre-se que a técnica está de maneira muitíssimo mais íntima no desvelar e no aparecer do mundo do que em qualquer definição apressada partida do alvoroço cultural. A técnica é um deixar-viger da verdade no mundo. Heidegger, então, coloca a questão da técnica no plano do problema da verdade (desvelamento), assim como coloca também em sua estética o problema da verdade e não do Belo ou da cultura.

A palavra técnica (*technikon, téchne*) diz algo que pertence, que provém da habilidade artesanal, sendo que a palavra arte não tem origem grega, mas é latina (*ars*). Em grego, *téchnai* são as artes, a política, o artesanato (em sentido lato), a arquitetura, a construção naval, enfim, toda atividade de caráter produtivo (*poiesis*) do homem. *Téchne* não é apenas arte, mas também sabedoria. Daí que Platão, como indica Heidegger¹¹, compreenda a palavra *téchne* também numa sinonímia de *episteme*, ou seja, como conhecimento, pois aquele que sabe fazer, que domina certo ofício, o faz com exímia, com 'técnica'. Nos termos de nossa discussão, isto implica que mais que uma simples função da *téchne*, o conhecimento provoca a abertura de um mundo antes encoberto pelo véu do não saber.

Estas considerações por ora feitas podem ser entendidas por uma clara definição de técnica na antiguidade grega de âmbito artesanal, mas não se aplicam à técnica moderna das tecnologias industriais e das maquinarias. Isso porque o ponto fundamental de distinção de uma técnica artesanal para uma técnica moderna, da grega para a contemporânea, é a associação de

¹¹ HEIDEGGER, 2001. P. 17.

ciência experimental e técnica. É a diferença entre a oficina de um oleiro e um laboratório ou uma fábrica. De um lado, enquanto o pesquisador moderno está em seu laboratório equipado com modernos instrumentos de trabalho e dependente deles, e ainda auxiliado por um prévio conhecimento teórico e experimental sobre seu próprio trabalho, por outro, o oleiro não trabalha com ciência experimental e sim somente fazendo uso da habilidade manual transmitida prática ou verbalmente e aprimorada através da repetição.

Posta esta objeção é necessário então nos perguntarmos o que é a técnica moderna. "Também ela é um desencobrimento (...) mas não se desenvolve, porém, numa produção no sentido de *poiesis*"¹², afirma Heidegger. Isso porque radicalmente diferente da antiga técnica, a moderna tem por objeto a exploração da natureza e a entende como uma fonte disponível de energia que é necessária para mover o novo mundo em que o homem vive. A técnica moderna aplica, além da mera observação, conhecimento teórico experimental e a calculabilidade para o fim de controle e exploração e passa, desse modo, a provocar e desafiar a natureza.

A atividade de um agricultor está entregue a uma série de fatores que ele não controla; ele confia as sementes que plantará à força natural do crescimento da planta na natureza; seu ofício é proteger o cultivo. "A lavra do lavrador não desafia o lavradio"¹³ dirá Heidegger. Por outro lado, a técnica moderna explora e almeja a máxima eficiência dos mecanismos naturais. Para realizar a mesma atividade daquele lavrador, o homem moderno primeiramente melhora geneticamente as sementes, depois faz uma análise química do solo para calcular qual sua máxima resistência a uma intensa produção e qual é sua carência nutricional para torná-lo mais eficiente do que seu natural, sendo mais eficaz e produzindo em menor tempo, tudo isso enquanto o serviço meteorológico é usado para prever o clima e não deixar a plantação aos caprichos das vicissitudes. Desse modo, a técnica moderna primeiramente se apropria do lavradio da lavra e provoca a natureza transformando este lavradio em indústria motorizada da alimentação. Ela dá ao homem o privilégio de explorar, adequar às suas necessidades e controlar a natureza, e *não mais o contrário*.

Esta ação coloca uma disposição que se revela na exploração das energias da natureza e a abre e a ex-põe. Ex-por significa por para fora, exteriorizar, isto é, retira-se o carvão do solo para que, em sua queima, ele dis-ponha a fornecer vapor gerando energia para uma fábrica. Heidegger dá o exemplo de uma hidroelétrica instalada no rio Reno em que dele se dis-põe a fornecer força

¹² *Idem*, p.18.

¹³ *Idem*, p. 19.

mecânica para seu adequado funcionamento. Neste caso, o Reno aparece como um dis-positivo da usina fazendo com que ele esteja instalado nela e não o contrário. Esse conjunto de fatores faz com que o rio deixe de ser aquele rio que outrora fora para se tornar uma peça de exploração do homem e vir a se adequar ao que almeja o desejo humano, assim como o solo e sementes no lavradio. "(...) a terra e a atmosfera tornam-se matéria-prima"¹⁴. Então, dis-posição é o modo de ser dos entes que são abertos (desencobertos) pela técnica moderna.

A técnica moderna afirma um novo tipo de desencobrimento caracterizado pelo pôr, no sentido de explorar.

Esta exploração se dá e acontece num múltiplo movimento: a energia escondida na natureza é extraída, o extraído vê-se transformado, o transformado, estocado, o estocado, distribuído, o distribuído, reprocessado. (HEIDEGGER, 2001. P. 21)

Assim, todas estas manobras são formas de desencobrimento, mas, para além desse desencobrimento procura-se obter também o controle de todos estes processos, haja vista que controlar é atributo fundamental daquele que explora.

Heidegger se pergunta que modalidade de desencobrimento é este do pôr da exploração? "Em toda parte, se dis-põe a estar a postos e assim estar a fim de tornar-se e vir a ser dis-ponível para ulterior dis-posição."¹⁵ Isso quer dizer que todo este processo centrado na exploração tem como fim maior a dis-ponibilidade (*Bestand*), o armazenamento para futura fruição. Estar dis-ponível, porem, tem um alcance tanto mais essencial quanto mais lato que a ideia de "provisão". A disponibilidade atinge um nível de título que remete, simplesmente, a tudo o que vige e vigora revelado pelo desencobrimento explorador da técnica moderna, é aquilo que define a própria estrutura deste tipo de desencobrimento. De modo que a *práxis* sobrepujou o puramente ideado e o que importa agora é o dis-ponível para servir ao homem e não mais os objetos entendidos como representação. *O artefato não é mais um objeto, ele é algo dis-ponível.*

Quem é o agente responsável pelo desencobrir técnico em geral? Evidentemente é o homem, a causa eficiente na sua qualidade de ente privilegiado que experiencia e acolhe o ser. Está em seu poder provocar o desvelamento, mas "(...) não tem, contudo, em seu poder o desencobrimento em que o real cada vez se mostra ou se retrai e se esconde"¹⁶. Aqui Heidegger afirma sua visão de que, apesar de o homem, por exemplo, desencobrir a dis-ponibilidade, ele não é a fonte deste poder de desencobrimento. Em outras palavras, o homem só faz o que faz na medida

¹⁴ HEIDEGGER, M. *Caminhos de Floresta*. Trad. Irene Borges-Duarte, Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2002. p.333.

¹⁵ HEIDEGGER, 2001. P. 20.

¹⁶ HEIDEGGER, 2001. p. 21.

Restabelecendo nosso caminho até aqui, partimos do verbo *stellen* (pôr) que significa, além de exploração, ex-por no sentido da *poiesis*, em que faz o real vigente emergir para o descobrimento. "Pôr" que com-põe tem duas raízes de significação, a saber, o pro-por produtivo e o dis-por explorador, ambos se apresentam como modo de des-velamento, modos da *aletheia*. É do verbo "*stellen*"²⁰ que vem *Gestell*: *Ge* (com; reunião) + *stell* (pôr), que é a forma de descobrimento mais especificamente moderna da técnica que deixa viger o real como disponibilidade. Então, *a essência da técnica se apresenta como uma força de reunião que liga o homem à disponibilidade*; ela vem antes do homem e não a partir dele. Por isso, vislumbrando agora a essência de nossa discussão, fica claro o quanto a definição de técnica, de um ponto de vista instrumental e antropológico, não satisfaz a pergunta sobre a sua essência, pois o homem não é, definitivamente, a fonte donde provém a técnica.

Mesmo com este papel menor do homem na técnica moderna ele continua a ser um ente privilegiado e nestes tempos ele se vê desafiado, de forma especialmente incisiva, a comprometer-se com o descobrimento. A era da técnica, o acabamento da metafísica, é o nosso tempo em que todas as radicalizações e possibilidades da metafísica estão presentes. O homem, na sua qualidade de guardião do ser, tem papel especialmente decisivo nesse acirramento que acontece mais marcadamente em nossa época. O homem, mais do que nunca, está sob a provocação do pensamento da essência, pois vivencia um meio de des-velamento copioso através do domínio do projeto matemático da natureza surgido com Galileu posteriormente aprimorado pela física moderna. Tamanha é a confiança conquistada por esta ciência que muitas linhas de pensamento apontam na física a origem da técnica moderna. Heidegger, entretantes, diz exatamente o contrário, ou seja, é a essência da técnica moderna que abre a ciência. Como ele mesmo diz:

Não há dúvida de que as ciências matemáticas da natureza surgiram quase dois séculos antes da técnica moderna. Como, então, já poderiam estar a seu serviço? (HEIDEGGER, 2001. P. 25)

O filósofo alemão coloca novamente a questão para que possamos aprofundar ainda mais na essência da com-posição. O que é a com-posição (*Gestell*) em si? "Não é nada de técnico nem de maquinal. É o modo em que o real se des-encobre com disponibilidade"²¹. Porém, esse descobrir das coisas da técnica não acontece espontaneamente na natureza; é necessária uma ação ou atividade do homem para tal. Apesar de o homem não ser a fonte deste descobrimento,

²⁰ Segundo nota de rodapé de artigo de José Erivaldo da Ponte Prado, disponível em:<
http://www.uvanet.br/rhet/artigos_setembro_2011/questao_tecnica_heidegger.pdf> Acesso em: 11 ago. 2015.

²¹ HEIDEGGER, 2001. P. 26.

ele é necessário para abrir o real em uma disponibilidade porque a técnica moderna é possível através de uma série de fatores e relações dentre as quais o homem continua sendo decisivo. Ele cumpre e participa de uma tarefa, mas ainda assim o processo não acontece apenas no homem e nem decisivamente pelo homem.

Nesta época da história do ser a essência da técnica põe o homem mais que em contato estreito com o desencobrimento, ela o coloca a caminho do desvelamento do real como disponibilidade. Em outras palavras, a técnica moderna surge como força que destina o homem e o mundo a um momento de contato com o desvelamento e, conseqüentemente, com a prática mais essencial do *Dasein*. O destinar tem para Heidegger um apelo e uma função especial na filosofia da história e nas relações do homem com o devir histórico.

A história não é um mero objeto da historiografia nem somente o exercício da atividade humana. A ação humana só se torna histórica quando enviada por um destino. (HEIDEGGER, 2001. P. 27)

O destino se apresenta como a essência da história, não como fatalismo, como um determinismo inexorável, porque destino é tomado aqui numa relação direta e imanente com a liberdade (do contrário não haveria uma história feita pelos desígnios do ser); "(...) o homem só se torna livre num envio, fazendo-se ouvinte e não escravo do destino (...)." ²² diz Heidegger.

O filósofo contraria a tradição do pensamento da liberdade, principalmente da filosofia kantiana, dizendo que a liberdade do ponto de vista da causalidade das coisas históricas e sociais humanas (moral, política, etc.) não é pura e simplesmente fatalidade, haja vista que esta ideia se choca com a ideia de destino por não se tratar aqui da liberdade da vontade. Assim como outros temas, o conceito de liberdade em Heidegger é pensado, não no âmbito de uma ética, mas do ponto de vista da verdade (como sua estética, e a própria técnica). "A liberdade é o reino do destino que põe o desencobrimento em seu próprio caminho." ²³, diz Heidegger, apontando para a relação entre destino e desencobrimento na esfera da liberdade.

Sendo destino uma força de reunião encaminhadora que põe a essência do homem a trilhar o caminho do des-encobrimento, que direção tal força encaminharia a composição? Ela também é levada ao desencobrimento. Desse modo, a essência da técnica é um desencobrimento porque a isso foi destinada. Justamente por isso, por atingir tal penetração de questionamento, nos encontramos num ambiente puro no qual é possível discutir filosoficamente a respeito da técnica. De outro modo estaríamos entregues às definições sociais da técnica e sujeitos a classificá-la

²² HEIDEGGER, 2001. P. 27 com referência a *Vom Wesen der Wahrheit*, 1930, na primeira edição de 1943, p. 16s.

²³ *Idem*, p. 28.

positiva ou negativamente: "Abrindo-nos para a essência da técnica, encontramos-nos, de repente, tomados por um apelo de libertação."²⁴.

Quando o homem é posto pelo destino a ser um agente des-encobridor, ao realizar seu caminho ele pode chegar a duas situações, segundo Heidegger:

(...) a possibilidade de seguir e favorecer apenas o que se des-cobre na dis-posição e de tirar daí todos os seus parâmetros e todas as suas medidas. Assim, tranca-se uma outra possibilidade: a possibilidade de o homem empenhar-se, antes de tudo e sempre mais e num modo cada vez mais originário, pela essência do que se des-encobre e seu descobrimento, com a finalidade de assumir, como sua própria essência, a pertença encarecida ao desencobrimento. (HEIDEGGER, 2001. P. 29)

Na primeira possibilidade, Heidegger parece descrever uma imagem de um mundo tecnologicamente distópico do tipo que se vê em obras de ficção como no romance "*Admirável mundo novo*" do inglês A. Huxley ou no filme "*Brazil*" de Terry Gilliam. Em ambas as obras, a humanidade está inserida numa sociedade totalmente dependente dos aparatos tecnológico (ainda mais que na atualidade) e voltada unicamente a continuar a exploração e a buscar por disponíveis. Na outra possibilidade revela-se um caminho em que o homem pode continuar a atender os envios de sua essência e prosseguir com sua mais típica relação com o real, a saber, buscando meios de descobri-lo. Entre estas duas possibilidades Heidegger aponta o verdadeiro perigo da era da técnica trazido pelo próprio destino. Este não é um perigo qualquer, mas, o perigo. A saber, não são as posições da técnica em si nem mesmo sua utilização que são perigosas segundo o filósofo, mas, primeiramente e sobretudo, a essência da técnica e seu *comportamento provocante que rege doravante o relacionamento do homem com o ente*.

A técnica não é perigosa. Não há uma demonia na técnica. O que há é o mistério de sua essência. Sendo um envio do desencobrimento, a essência da técnica é o perigo. (HEIDEGGER, 2001. P. 30)

A técnica moderna, no sentido essencial de composição, ataca o homem que, no interior do seu não-objeto, não é mais do que uma disponibilidade. Ela põe o homem em perigo não somente porque os meios técnicos tornam possível a destruição de toda espécie humana, mas porque é uma ameaça de maneira mais profunda à essência pensante do homem, isto é, sua relação com o ser. "(Existe) o perigo representado pela bomba atômica e o perigo ainda maior representado pela técnica."²⁵.

²⁴ *Ibidem*.

²⁵ Heidegger em entrevista com prof. Richard Wisser para o canal 2 da televisão alemã em 24/09/1969. A entrevista também está disponível em texto na internet.

Não tendo ser ou existência senão como a disponibilidade, o homem moderno dirige, como mestre dominador, a natureza ao ponto que fica a aparência de que ele está em todo lugar e só encontra a si mesmo; que não há nada que possa estar fora de seu poder. O homem passa a crer que ele é o controlador da natureza e fonte da força de reunião do mundo. Como tal, nenhuma transformação, ou grande projeto, pode acontecer se não for oriundo de sua vontade. Na idade da técnica ele somente reúne todos seus esforços para des-encobrir o que a com-posição provoca e explora:

Já não a toma (a com-posição) como um apelo e nem se sente atingido pela exploração. Com isto não escuta nada que faça sua essência ex-sistir no espaço de um apelo e por isso nunca pode encontrar-se, apenas, consigo mesmo. (HEIDEGGER, 2001. P. 30)

Trata-se aí, em realidade, da maior ilusão (a ilusão do dono mundo): o homem precisamente não se encontra mais consigo em lugar algum, isto é, ele não encontra mais seu ser. O homem, que aprende todas as coisas do pensamento calculante, liga-se ao ente sobre o qual ele busca exercer sua dominação e não se preocupa mais com isso que deveria concerni-lo mais que qualquer outra coisa, isto é, com o ser. Não se preocupando mais em penetrar na proximidade essencial das coisas, nem salvaguardar seu desdobramento na presença, ele erra em um mundo que, na verdade, é falso.

Assim, como um instrumento da com-posição, ele transforma uma floresta em lavoura e a lavoura, através da usura e das variações do artificial, em plantação mecanizada para exportação. Desse modo, ele corrompe a *physis* em dis-ponibilidade; força a terra a sair de seu ciclo possível, tal como a terra se desenvolve como dona deste ciclo. Esta agressão contra tudo isto que é, culmina na tentativa hoje engajada pelo próprio mestre do mundo, que se torna um produto como qualquer outro que ele busca manipular e transformar. Essa agressão contra a vida e o ser mesmo do homem é mais inquietante aos olhos de Heidegger na hipótese de uma destruição que pesa sobre o planeta causada por algo produzido pela avançada tecnologia bélica, por exemplo. Não é somente o homem que é uma ameaça de nadificar, mas sua essência.

Além do perigo que a com-posição representa para a essência do homem, o destino insere na essência da técnica aquilo que a torna portadora não de um perigo qualquer, mas de um perigo extremo. "Como destino," diz Heidegger, "a com-posição remete ao desencobrimento do tipo da dis-posição."²⁶ Onde a dis-posição se instala afasta-se qualquer outra possibilidade de

²⁶ HEIDEGGER, 2001. P. 30.

desencobrimento, ou seja, ela se dispõe de um tal modo entre o homem e o ser que o Dasein não percebe mais nenhuma outra forma - que não seja por meio da com-posição - de des-encobrir o ser. A técnica ameaça, sobretudo, a verdade, o desvelamento do ser; anuncia um iminente cessar da possibilidade humana de des-encobrir. A com-posição que provoca não se limita a ocultar o modo precedente de desvelamento, o produzir, mas ela oculta também o desvelamento em si e, com ele, isto que é a não-ocultação, o próprio modo de ser da verdade.

Não é preciso temer o perigo inerente à técnica para que o abandono do ser seja tematizado. Ao contrário, pertence à essência do perigo dissimular-se e é justamente isso que, aos olhos de Heidegger, há de mais perigoso no perigo. À medida que concerne ao próprio ser, o perigo da essência da técnica não é um perigo qualquer, mas o perigo por excelência ou o perigo supremo. A composição, enquanto destino do desvelamento, é o perigo e ele já atingiu a essência do homem.

Heidegger traz para a discussão "a palavra" do poeta alemão Friedrich Hölderlin encontrada nas linhas de seu poema "Patmos":

"Ora, onde mora o perigo
é lá que também cresce
o que salva".

Se verdadeiro este pensamento, será que o extremo perigo que representa a composição coexiste com aquilo que salva? Segundo Heidegger, devemos pensar o conceito de "salvar" como "chegar à essência a fim de fazê-la aparecer em seu próprio brilho". Ora, se for verdadeira a palavra de Hölderlin,

(...) então o domínio da com-posição não se poderá exaurir simplesmente porque ela de-põe a fulguração de todo desencobrimento, não poderá deturpar todo brilho da verdade. Ao invés, a essência da técnica há de guardar em si a medrança do que salva. (HEIDEGGER, 2001. P. 31)

Então, a discussão sobre a questão da técnica nos leva a necessidade de penetrar ainda mais na essência da composição, enquanto destino do desencobrimento, para que seu brilho venha à tona e revele as raízes do perigo e daquilo que salva.

Antes de nos enveredarmos por este caminho buscando uma verdadeira compreensão do que é a essência de algo, devemos nos perguntar em que sentido está sendo usada a palavra "essência". Poderíamos nos perguntar que tipo de causação é esse pensamento meditativo da essência? Heidegger nos lembra que não usamos aqui o corriqueiro uso da tradição do latim *quid* ou *quidditas*; esta é uma definição da essência enquanto causa. Não estamos definindo a essência da técnica através de generalizações e universalidades de algo técnico como um multímetro ou uma turbina a vapor; isto é, a com-posição não é a essência genérica da técnica. "A composição se torna

a essência da técnica, por ser destino de um desencobrimento, nunca, porém, por ser essência, no sentido de gênero e *essentia*."²⁷

Assim a noção de técnica passa a ser mais bem compreendida depois deste perguntar sobre a essencialidade da essência. Heidegger coloca, então, que pela própria necessidade da definição de técnica exige outra forma de pensar a essência. Isso nos leva a pensar na palavra *Wesen* do alemão, empregada como sufixo de essência de algo²⁸. Esta ideia já estava de certo modo inserida no pensamento de Sócrates e Platão, isto é, tratar a essência das coisas pensando que todo vigente dura, mas que ao invés de aceitarmos isso categoricamente devemos nos questionar se esta afirmação realmente nos basta.

Ora, só se pode perceber, como vige a técnica, pela continuidade da duração em que a composição se dá e acontece em sua propriedade, no envio de um descobrimento. (HEIDEGGER, 2001. P. 33)

Desse modo, a com-posição é algo que dura, pois é certo: ela vige através do envio do ser, de uma concessão. A exploração, no entanto, é qualquer coisa menos conceder. Somente dura o que foi concedido. Ora, então, a exploração em si, na sua condição de não ser concedida, não dura, logo não é essencial. Diferente do uso que a tradição faz de essência, Heidegger propõe aqui uma definição da essência como envio.

Heidegger chama atenção que mesmo sendo duradoura, na com-posição mora um perigo extremo. Será ela, então, realmente uma concessão de um envio? Sem dúvida, já que somente a partir de um conceder é que acontece todo destino de um envio e neste envio está o perigo e aquilo que salva. O Dasein é o Dasein somente porque acolhe os desígnios do ser, acolhe seus envios e fará com que ele tenha parte no desencobrimento, parte esta de que carece a aproximação de desencobrimento. Por sua própria carência, o homem é destinado a apropriar-se da verdade.

A propiciação, que envia para o desencobrimento de uma maneira ou de outra, é o que salva, enquanto tal. Pois é o que salva que leva o homem a perceber e a entrar na mais alta dignidade de sua essência. Uma dignidade que está em proteger e guardar, nesta terra, o des-encobrimento e, com ele, já cada vez, antes, o encobrimento. (HEIDEGGER, 2001. P. 34)

Desse modo, o pensamento heideggeriano, partindo do questionamento acerca da técnica e passando pela essencialidade da essência, chega ao que salva, escondido na mais íntima relação do homem no envio do desencobrimento, a saber, o homem como peça chave em todo

²⁷ HEIDEGGER, 2001. P. 32.

²⁸ Em algumas exposições de antigos termos alemães, Heidegger chega ao termo *fortgewähren* empregado por Goethe como "continuar a conceder", de modo que a ideia de concessão e de perenidade está claramente contida no termo goetheano.

desencobrimto e encobrimento protegendo e guardando o ser do mundo; o modo em que o homem interage com a disponibilidade torna clara a responsabilidade dele com o mundo. A essência da técnica mostra ao homem que não apenas fazemos parte do mundo, mas o que o mundo carece para guardá-lo e revelar-lhe a essência da verdade. Assim, a vigência da técnica guarda em si algo surpreendente, aquilo que salva. Lembrando que nosso filósofo reafirma o sentido de salvar com chegar à essência, a fim de fazê-la aparecer em seu próprio brilho.

Desse modo, pensar a essência da técnica é estar no plano da verdade. Heidegger mostra, além disso, que existe uma grande ambivalência na essência da técnica já que nela coexistem o perigo e aquilo que salva: "A essência da técnica é de grande ambiguidade. Uma ambiguidade que remete para o mistério de todo desencobrimento, isto é, da verdade."²⁹

Enquanto ficarmos com a representação da técnica como um instrumento, tudo o que restará ao homem será anseio por dominá-la. É preciso pensar a técnica sob a perspectiva de sua essência enquanto envio³⁰. Ao fazermos isso, experienciamos a ambiguidade e pensamos também a verdade; é estar movendo-se na ambiguidade, não na univocidade.

Assim, Heidegger toma o caminho da causalidade para chegar à essência da técnica porque é preciso romper com a linguagem metafísica da tradição ao pensá-la. Para dizer o que é algo, a metafísica tradicional explica simplesmente por causas o que é, segundo Heidegger, insuficiente para pensar a essência das coisas, pois no caminho acaba por esquecer o ser. Por não enxergar a diferença ontológica entre ser e ente a metafísica só fez entificar o ser, comprometendo a penetração do pensamento acerca da essência da coisa. Dá-se aí o erro que Heidegger não quer incorrer; se queremos pensar a essência da técnica, jamais podemos ter como objetivo chegar à causalidade da técnica, posto que estaríamos fadados ao mesmo abismo da metafísica e acabaríamos entificando a essência do ser, não chegando jamais na essência da coisa.

Heidegger, então, chega à essência da técnica que revela uma ambiguidade na qual um extremo perigo possibilita uma virada para o que salva. Com esta radicalização da questão da

²⁹ HEIDEGGER, 2001. P. 35.

³⁰ Como está descrito em *Caminhos de Floresta*: "É apenas a partir da era moderna que esta essência começa a desenrolar-se como destino da verdade do ente na totalidade, ao passo que, até agora, as suas manifestações dispersas e as tentativas pontuais se mantinham integradas no extenso domínio da cultura e da civilização." HEIDEGGER, 2002, p. 333.

técnica, ele contesta radicalmente também a relação entre o homem e a técnica³¹. Heidegger diz que o pensamento é a ação mais simples e mais livre para, primeiramente, entender o que é a técnica, já que todo ativismo se lança às escuras contra algo que de fato nem entende; ele não alcança o tamanho do perigo que a técnica guarda inerentemente e nem sabe que é insignificamente impotente frente a tal perigo. Do mesmo modo, não sabe que ali está guardado aquilo que salva. O ativismo, decididamente, é impotente, sobretudo, porque a fonte da técnica não está no homem.

O que poderíamos apontar como um comportamento privilegiado que possamos ter com a técnica é o comportamento meditativo e não o ideológico, pois os frutos deste bom relacionamento estão para além de um benefício contra as mazelas do mundo tecnológico, mas o que está em jogo é o significado último disso, a saber, a máxima radicalização do esquecimento do ser, do esvaziamento da relação do homem com o ser, porque este perigo precisa ser extremo. Pelo cúmulo do esquecimento na história da relação com o ser, e justamente pela autoridade da originalidade deste evento, é que se prepara para um salto revolucionário a um outro começo, e eis que surge do extremo perigo aquilo que salva.

REFERÊNCIAS

HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e conferências - A questão da técnica*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Ed. Vozes, Petrópolis: 2001.

_____. *Caminhos de Floresta*. Trad. Irene Borges-Duarte, Ed. Calouste Gulbenkian. Lisboa: 2002.

_____. *O Fim da Filosofia e a Tarefa do Pensamento*. Trad. Ernildo Stein. Col. Os Pensadores, Abril S.A, São Paulo: 1973.

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. Vincenzo Cocco. Col. Os Pensadores. Ed. Abril Cultural, São Paulo: 1973.

MARX, K. *O capital*. Trad. Regis Barbosa. Ed. Nova Cultural, São Paulo: 1996.

Pesquisa de apoio através da internet:

Dicionário Houaiss: disponível em: < <http://houaiss.uol.com.br/>>.

Entrevista: Prof. Richard Wisser entrevista Martin Heidegger. Disponível em:

³¹ Pensamento esboçado pela modernidade através da filosofia da consciência que demoniza a técnica apontando-a como o grande mal. Apostam tudo em um ativismo cego e numa ação para livrar a humanidade deste "mal".

<<http://www.oquenofazpensar.com/adm/uploads/artigo/entrevista/n1orichardv1.pdf/>>.

Artigos acadêmicos:

BRÜSEKE, F. J. *Ética e técnica? Dialogando com Marx, Spengler, Jünger, Heidegger e Jonas para a edição da revista Ambiente & Sociedade* – Vol. VIII nº. 2 jul./dez. 2005.

PRADO, J.E.P. *A questão da técnica em Martin Heidegger* - *Revista Homem, Espaço e Tempo* setembro de 2011, ISSN 1982-380.